



MISTIÇAGEM E RACISMO À BRASILEIRA EM MARROM E AMARELO



MISCIGENATION AND BRAZILIAN RACISM IN MARROM E AMARELO

SIMONE BEATRIZ DE PAULA VAZES

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 27/02/2021 • APROVADO EM 26/03/2021

Abstract

This paper aims to analyze Paulo Scott's novel **Marrom e Amarelo** (2019) and the theme of literary representation of miscegenation, not only in the political and social context, but also in family relationships. We are presented at the beginning of the work to the scenario of Brasília from the perspective of the protagonist Federico, who is invited, due to his performance as a militant of the black movement, to compose a commission, instituted by the newly elected federal government, which is responsible for discussing the means to improve the racial quota system at universities. In the book, we explore the differences between Federico, a character who, despite being "mestizo" in his origin, has a phenotype closer to the whites, and his dark skin brother Lourenço. Thus, the resources undertaken in the writing of the novel and the fictional scenario elaborated by Scott present discussions about the racial issues and the specificities faced by different racialized subjects throughout the narrative. Based on the textual elements of the narrative and the themes raised throughout the novel, references will be surveyed through books and scientific articles to analyze the work and to substantiate theoretical concepts and significant terms for the study.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance **Marrom e Amarelo** (2019) de Paulo Scott e o tema da representação literária da mestiçagem, não apenas no contexto político e social, mas também nas relações familiares. Somos apresentados no início da obra ao cenário de Brasília sob a perspectiva do protagonista Federico, que é convidado, devido à sua atuação como militante do movimento negro, para

compor uma comissão, instituída pelo recém eleito governo federal, que é responsável por discutir os meios para aprimorar o sistema de cotas raciais nas universidades. No livro temos a exploração das diferenças entre Federico, personagem que apesar de ser "mestiço" na origem, possui um fenótipo mais próximo aos brancos, e o seu irmão negro retinto Lourenço. Desse modo, os recursos empregados na escrita do romance e o cenário ficcional elaborado por Scott apresentam discussões acerca das problemáticas raciais e das especificidades enfrentadas por diferentes sujeitos racializados ao longo da narrativa. A partir dos elementos textuais da narrativa e das temáticas levantadas ao longo do romance, será realizado o levantamento de referências através de livros e artigos científicos para análise da obra e fundamentação dos conceitos teóricos e termos significativos para o estudo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literature. Racism. Representation. Miscegenation.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Racismo. Representação. Mestiçagem.

Texto integral

1. FAMÍLIA, MISTIÇAGEM E CONFLITOS RACIAIS NO BRASIL FICCIONAL DE MARROM E AMARELO

Em meio a agitações sociais e políticas com a chegada ao poder do novo governo federal no cenário ficcional de Brasília, temos como mote inicial em **Marrom e Amarelo** (2019) de Paulo Scott, ambientado no ano de 2016, a criação de uma comissão especial interdisciplinar que visa desenvolver um aplicativo capaz de substituir digitalmente as bancas avaliadoras para a concessão do benefício das cotas raciais para os estudantes pardos, pretos e indígenas. A criação desse aplicativo tinha o objetivo de diminuir as chances de ocorrerem fraudes, além de estabelecer critérios de acordo com o fenótipo dos candidatos e lidar com as polêmicas em torno das políticas de cotas raciais nas universidades públicas do país:

[...]candidata a ser uma das tantas soluções adequadas equivocadas do novo governo, pro caos que, de súbito, tinha se tornado a aplicação da política de cotas raciais pra estudantes no Brasil, país sonâmbulo, gigante ex-colônia da coroa portuguesa na América do Sul, rotulado mundo afora como o lugar da harmonia étnica, miscigenação que tinha dado certo. (SCOTT, 2019, p.7).

Já na primeira página da obra temos uma noção da forma vertiginosa com que Scott constrói a sua trama: os diálogos, os acontecimentos e os pensamentos do narrador durante as reuniões da comissão e das outras situações que se desenrolam ao longo da narrativa, são separados, na maior parte das vezes, apenas por vírgulas, em blocos que se alternam com os flashbacks que delineiam as situações traumáticas de racismo que Federico presenciou. O romance foi desenvolvido por

meio da alternância entre duas linhas narrativas: uma constituída pelas memórias do protagonista, que são narradas no tempo presente e outra que narra no tempo passado e descreve os acontecimentos em torno da comissão especial no ano de 2016.

A estória é desenvolvida através da perspectiva de Federico, nascido em Porto Alegre, homem de meia-idade, “pardo claro” e militante reconhecido pela sua luta no movimento negro brasileiro. Em contraste com o protagonista, temos o seu irmão Lourenço, homem negro de pele retinta, extrovertido, tranquilo e que não possui interesse em participar ativamente da militância. Percebemos logo no início da narrativa que Federico é um homem tenso, introvertido, ansioso; o movimento de defronte com a sua própria impotência diante das situações de violência racial, o sentimento de covardia ao presenciar as abjetas manifestações de racismo ao longo de sua vida é acumulado em forma de raiva, inquietação, em certos momentos a escrita passa essa sensação através da repetição incessante das palavras que rondam a consciência e a vivência da personagem. Em diversos pontos do romance é notável a utilização da repetição frenética de palavras, numa espécie de fluxo que revela a sensação de caos e conflito existente tanto em Federico, quanto nas universidades em decorrência da implementação das políticas de cotas:

[...] alunos brancos a favor das cotas contra alunos brancos inimigos das cotas, alunos brancos que eram contra as cotas, mas que, com a convivência em sala de aula com alunos negros cotistas, se tornaram a favor das cotas, contra alunos brancos opositores das cotas, alunos negros contra alunos brancos, em reação, alunos indígenas contra alunos brancos, em reação, alunos pardos claros contra alunos pretos e alunos pardos escuros, em reação. (SCOTT, 2019, p.26-27).

Podemos notar ao longo da obra a carga emocional e a angústia que rodeia Federico, sentimentos reforçados pela sua criação por Ênio, pai severo, policial, e que sempre salientou o senso de responsabilidade que o filho deveria exercer para proteger, quando necessário, o seu irmão caçula. O protagonista reconhece a superproteção que ele tem com Lourenço: “[...] pensei que talvez tivesse chegado o momento d’eu amadurecer na nossa relação, na nossa redoma invisível impermeável, momento de enxergá-lo fora das minhas grandes cruzadas, tirá-lo das minhas cruzadas” (SCOTT, 2019, p.149). Essa passagem demonstra um dos motivos, e talvez o mais forte, que impulsionou a personagem a dedicar a sua vida à luta antirracista por meio dos movimentos sociais.

Federico assume uma identidade negra, mesmo sem possuir os marcadores fenotípicos tipicamente associados aos negros no Brasil, afinal, mesmo que o continente africano possua uma grande extensão territorial e pluralidade nos traços e cores da sua população, os africanos escravizados durante o período colonial e trazidos para as Américas, em sua maioria, pertenciam a determinadas localidades que apresentavam as características mais comumente associadas com a ideia de “negritude” presente na atualidade. É curioso o esforço que Célia, mãe de Federico,

empregou para afirmar que ambos os irmãos eram negros e que eles faziam parte de uma família negra:

[...] garantir em fala que seria repetida muitas vezes não só naquele ano de setenta e três, mas por toda minha infância, que éramos negros, que a nossa família, ela, de pele clara, cabelo liso castanho, meu pai, de pele escura, menos escura que a pele do meu irmão, cabelo preto bem crespo, o meu irmão e eu, éramos uma família negra. (SCOTT, 2019, p.10).

Diante das contradições nas relações raciais no Brasil, Schwarcz (2012) reconhece um racismo *à la* brasileira gerado pela mestiçagem e pelo ideal de branqueamento, onde a desigualdade é imposta nas condições de vida, mas na cultura existe o assimilacionismo: “[...] ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a ‘outro’. [...] o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar.” (SCHWARCZ, 2012, p.31).

Mesmo que as ofensas raciais exploradas na narrativa, principalmente nas memórias que a personagem resgata ao longo do texto, não sejam direcionadas diretamente a Federico, é possível perceber nas escolhas lexicais efetuadas o quão emocionalmente afetado ele é diante dessas situações que atravessam a sua vida. Portanto, a insistência da sua mãe em ensinar que eles pertenciam a uma “família negra”, o afeto familiar, a constatação já em tenra idade da diferença de tratamento dado ao seu irmão retinto em contraste com a sua experiência como menino de pele clara, o levaram a não somente questionar o preconceito racial, mas também a dedicar a sua trajetória profissional em torno da militância política antirracista.

2. O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO E A QUESTÃO DO NARRADOR

O conceito de representação recebe diferentes desdobramentos nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas atualmente, desse modo, é significativo discorrer acerca desse conceito no que concerne a área de literatura, além de algumas considerações sobre o narrador na contemporaneidade, para prosseguirmos na análise do romance selecionado.

Os questionamentos em torno da representação nas artes podem ser delineados desde a Antiguidade com a famosa expulsão dos poetas da cidade na obra **A República de Platão**, datada no século IV a.C. Nos seus diálogos socráticos, Platão (2000) entende a arte como um simples simulacro e por isso mesmo está muito afastada da verdade. O filósofo julgava que os prazeres proporcionados através das produções artísticas, observa Muniz (2010), destroem as possibilidades de acesso ao conhecimento, portanto, a arte prejudica o intelecto. Após a defesa da expulsão dos poetas, segundo Santoro (2007), Sócrates lança um desafio aos amantes da poesia:

[...] falem em prosa a seu favor pra demonstrar-nos que ela não é apenas agradável, mas também de vantagem para as cidades e a vida humana em geral. De muito bom grado os ouviremos, pois só teríamos a ganhar se se provasse que além de deleitável é proveitosa. (PLATÃO, 2000, p.452).

Em **A Poética**, Aristóteles aceita o desafio e defende a utilidade moral e política da poesia, segundo Santoro (2007), e ainda responde às acusações imputadas em *A República*: a falsidade, a sedução traiçoeira e deformadora do caráter emocional presente nas poesias. Aristóteles expõe o caráter didático da tragédia e da comédia, demonstra o valor pedagógico desses gêneros na formação do ser humano:

Parece, de modo geral, darem origem à poesia duas causas, ambas naturais. Imitar é natural ao homem desde a infância - e nisso difere dos outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação - e todos têm prazer em imitar. (ARISTÓTELES, 2005, p.21-22).

Com base principalmente nas formulações filosóficas de Platão e Aristóteles, houveram teorias posteriores de diversos pensadores acerca da representação, que nos proporcionaram reflexões pertinentes para se pensar sobre o ato de representar na arte literária. Um desses pensadores é o filólogo alemão Erich Auerbach (1892-1957), que apesar de não se deter em estabelecer uma definição para o conceito de representação, parte das interrogações platônicas e desenvolve em **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental** (1946), como aponta Sperber e Sperber (1971), um importante estudo sobre grandes obras da literatura através da análise dos textos, se atentando para o estudo da obra em si, movimento muitas vezes negligenciado nas análises literárias acadêmicas.

No século XX, com a Escola de Frankfurt, Theodor W. Adorno (1903-1969) no seu ensaio *Posição do narrador no romance contemporâneo* (2003) argumenta que para se falar sobre a situação atual do romance (importante destacar que o texto foi publicado em finais da década de 1950), em relação à sua forma, é necessário destacar a posição do narrador, contudo, essa tarefa causa um paradoxo, pois o romance exige a narração, mas “[...] não se pode mais narrar[...].” (ADORNO, 2003, p.55). Para ele, a reportagem, os meios da indústria cultural e principalmente o cinema, se apropriaram das funções tradicionais do romance: “Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras” (ADORNO, 2003, p.56).

O romance tradicional, aponta Adorno (2003) em especial nas obras de Flaubert, utilizava uma técnica de ilusão comparável ao palco teatral italiano, no qual o narrador erguia a cortina para o leitor participar, posteriormente, com as obras de Proust, Thomas Mann e Kafka, a reflexão do narrador se volta contra o aspecto irreal da representação e do próprio narrador. A distância estética,

anteriormente fixa, é desafiada pelos comentários do narrador no romance contemporâneo. A fixidez é substituída pela variação da distância, como ocorre com os movimentos da câmera no cinema, o leitor é guiado ao palco ou para fora dele, pelos bastidores e até à casa de máquinas (ADORNO, 2003).

As ideias de René Descartes baseiam, segundo Ginzburg (2012a), uma parte considerável da nossa tradição de pensamento. A racionalidade cartesiana que busca a ausência da contradição e a busca pelo pensamento pautado pela legitimidade influenciou também a forma com que lidamos com a literatura. Dessa maneira, a narrativa realista, aponta Ginzburg (2012a) faz parte de uma estética relacionada ao pensamento cartesiano, na análise de Ian Watt em **A ascensão do romance** (1957) sobre o romance realista tradicional europeu, a objetividade é o que, em muitos casos, caracteriza o narrador. Portanto, o narrador realista seria, na visão de Watt, o narrador cartesiano, que afasta as contradições para elaborar um discurso coerente (GINZBURG, 2012b).

Partindo das formulações teóricas do historiador Christopher Lasch, Silva (2009, p.12) discorre sobre o recuo atual da literatura em direção ao eu: “[...]compreendendo, ainda, que o resultado da tematização do eu tem numa parcela da criação literária um acirramento, no qual se aprofunda aquele recuo, ao qual se tem denominado fluxo da consciência”. De modo que, para Silva (2009, p.17) o romance literário aparenta estar direcionado para a tematização do eu, onde o escritor dedica-se aos aspectos do psiquismo, num isolamento radical, no qual a consciência é separada do real.

Ginzburg (2012b) aponta que nos últimos anos houve a publicação de obras no cenário literário brasileiro que lidam com temas socialmente complexos, e que conseqüentemente, despertaram a necessidade de novas concepções de análise e interpretação, são produções que desafiam a historiografia e a crítica literária, voltadas exclusivamente à periodização e aos valores canônicos. Segundo o autor, a repetição do modelo, que prioriza a cultura patriarcal, focado em homens brancos, adultos, heterossexuais, pertencentes às classes sociais média e alta, com uma figura forte e autoritária, reproduzido em romances escritos ao longo do século XIX ao século XX, através de obras regionalistas, sagas familiares e romances históricos, é contestada por escritores contemporâneos que enfrentam esse modelo por meio de produções literárias que desafiam a tradição: “Trata-se de um desrecalque histórico, de uma atribuição de voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados.” (GINZBURG, 2012b, p.200).

A atenção dos escritores em desenvolver estórias com novas possibilidades temáticas, não resulta em um menosprezo pela forma, como aponta Ginzburg (2012b, p.201), ambos elementos fazem parte das escolhas narrativas dos escritores que exploram as possibilidades representacionais na arte literária e não devem ser ignorados nas análises: “[...]entendendo que o deslocamento com relação aos princípios tradicionais de autoridade social, que estruturam o patriarcado, é um movimento de escolha de temas, questões, e também de construção formal, em suma, de elaboração de linguagem.”

Em **Marrom e Amarelo** (2019) temos uma produção contemporânea que reúne numa mesma obra as possibilidades formais e temáticas da narrativa. No aspecto formal, a narrativa rejeita o modelo canônico de escrita do romance literário, que em grande parte priorizou a visão não só dos autores, mas também dos

personagens centrais ou narradores alinhados ao modelo patriarcal de representação, com uma linguagem objetiva, crua, o narrador descreve e relembra de maneira direta, o lado mais virulento do racismo à brasileira.

Contrariando o ideal do narrador nos moldes cartesianos, Scott elabora uma narrativa descontinuada, sem obedecer a uma linearidade temporal de acordo com o desenrolar da trama, embaralhando presente e passado com flashbacks carregados de tensão, a obra é permeada por uma sensação de esgotamento como se a qualquer momento Federico viesse a explodir, a violência é expressa na linguagem, na pontuação, no ritmo da escrita e até mesmo no silêncio, na falta.

Enquanto a temática apresentada no romance é centrada em torno do mestiço brasileiro, que mesmo sendo um sujeito representado em diversas produções ao longo da historiografia literária brasileira, foi mais utilizado como um coadjuvante na paisagem social de um país pautado em torno da ideia de um paraíso racial, como protagonista trágico em busca da redenção no branqueamento ou ainda como o malandro preguiçoso e hipersexualizado, além de outras construções representacionais que muitas vezes ignoram a complexidade dos sujeitos mestiços. Isso não significa que os escritores que possuem algumas ou todas as características do modelo patriarcal de representação e criação literária, apontadas por Ginzburg, não devem tratar sobre os diversos temas que afetam as populações discriminadas, mas reconhecer a importância desse momento histórico para as criações artísticas dos autores que fazem parte de grupos historicamente discriminados.

3. COLORISMO E O LIMBO IDENTITÁRIO DO MESTIÇO FEDERICO

Apesar do Federico se identificar ao longo da trama como um homem negro, esse pertencimento identitário é problematizado por ele mesmo em determinados momentos do romance devido às suas características físicas:

[...]me senti pronto pra dar mostra parcial dos fantasmas que ocupavam meus pensamentos, fantasmas que foram também as vezes em que me senti constrangido por ser quem eu era, educado sob a ideia de ser duma família negra, ideia que virou minha identidade, e moldado num fenótipo brutalmente destoante daquela identidade, dois fatores que, combinados, me expulsaram pra sempre das generalizações do jogo esse é preto esse é branco, me dando um imenso não lugar pra gerenciar. (SCOTT, 2019, p. 14-15).

Esse questionamento em torno do pertencimento racial é levantado também por outros personagens que não o enxergam como um homem negro e até mesmo chegam a indagar quais os motivos levaram o protagonista a se classificar dessa maneira. É relevante destacar que a personagem nasceu e cresceu no contexto específico do estado mais ao sul do Brasil e com uma população majoritariamente branca, reconhecido pela grande presença de imigrantes italianos e alemães, de

modo que, se ele tivesse nascido em uma outra localidade, onde houvesse um número maior de habitantes pardos e pretos, a sua identificação poderia ser ainda mais desafiada.

Ortiz (1986) nos proporciona algumas reflexões acerca das questões que rondam a identidade nacional, dentre elas, temos o mito das três raças (indígenas, negros e brancos) que se projeta na virada do século XIX:

O conceito de mito sugere um ponto de origem, um centro a partir do qual se irradia a história mítica. A ideologia do Brasil-cadinho relata a epopeia das três raças que se fundem nos laboratórios das selvas tropicais”. (ORTIZ, 1986, p.38).

O Brasil passava por importantes transformações sociais e políticas, deixava de ser uma economia escravista e se tornava capitalista, além de passar de uma Monarquia para uma República. Essa transição significa que as teorias raciológicas¹ aplicadas ao Brasil no século XIX, possibilitam aos intelectuais interpretar a realidade, mas não modificá-la. Ortiz (1986) defende que o mito das três raças ainda não consegue se ritualizar, ela não é celebração e sim linguagem, afinal as condições materiais para a sua realização são puramente simbólicas. Após esse período de transição, no século XX, com a urbanização e industrialização do país, ocorrem mudanças profundas.

Ortiz (1986) argumenta que a Revolução de 30 orienta politicamente essas mudanças e o Estado procura consolidar o desenvolvimento social, era necessária uma nova realidade social, tornando as teorias raciológicas obsoletas; o trabalho do sociólogo Gilberto Freyre atende essa necessidade de renovação, transformando a negatividade em torno do mestiço em positividade. Nesse novo cenário, o mito das três raças torna-se plausível e pode ser atualizado como ritual. As ambiguidades das teorias racistas são ultrapassadas e a ideologia da mestiçagem, após sua reelaboração, pode difundir-se socialmente e se converter em senso comum, sendo ritualmente celebrada em relações do cotidiano, em eventos como o futebol e o carnaval. “O que era mestiço torna-se nacional” (ORTIZ, 1986, p.41). Segundo Moraes (2002), Freyre, ao contrário das teorias arianas, defendia o “amorenamento” do brasileiro para “amolecer” as fronteiras étnicas e sociais do Brasil, que afinal nunca foi um país de extremismos.

O mito da democracia racial e a fábula das três raças dificultou a formulação de uma identidade concisa entre os pardos brasileiros, a forte presença da miscigenação contribuiu inclusive para a dificuldade dos censos institucionais em fixar uma categoria para abarcar a multiplicidade de características desses sujeitos. Anjos (2013) destaca que a categoria “parda” nos censos demográficos englobou diferentes grupos ao longo do histórico das pesquisas, as diferenças nas definições das categorias intermediárias de cor/raça levantaram questionamentos acerca da validade das análises. A autora afirma que no Instituto Brasileiro de Geografia e

¹ Raciologia, de acordo com Gilroy (2007), é um tipo de saber que direciona as realidades virtuais em torno da ideia de raça. Segundo Munanga (2004), a raciologia é uma teoria pseudo-científica, que obteve destaque no século XIX e classificava a humanidade em uma hierarquia de raças.

Estatística (IBGE), a dificuldade em se ter uma correspondência efetiva entre a “verdadeira” cor e a declaração de cor, ou até mesmo “[...] na ausência de um critério único disseminado entre a população e sancionado pelo Estado[...]” (ANJOS, 2013, p.106), fez com que fosse excluído o quesito “cor” nos censos de 1920 e 1970.

Federico é apresentado na comissão especial para o desenvolvimento do aplicativo como “[...] um importante pesquisador das temáticas da hierarquia cromática entre peles, da pigmentocracia e sua lógica no Brasil, da perversidade do colorismo” (SCOTT, 2019, p.8). A existência dessa hierarquia cromática nas relações raciais, principalmente nos países colonizados que utilizaram ostensivamente a mão de obra escravizada de africanos, e a perversidade advinda dela é o ponto central da obra.

O termo “colorismo”, argumenta Francisco (2018), foi utilizado primeiramente pela reconhecida autora estadunidense Alice Walker em um ensaio intitulado *If the presente looks like the past, what does the future looks like* (1982), posteriormente, o conceito de colorismo foi empregado principalmente por acadêmicos que lidam com as questões raciais nos Estados Unidos. Ele foi desenvolvido como uma forma de nomear a diferença no tratamento dispensado às pessoas negras, no qual aquelas que possuem características fenotípicas mais próximas aos brancos podem ser aceitas mais facilmente e assimiladas em determinados espaços (como no caso dos papéis para atrizes e atores no cinema), e progressivamente, quanto mais escura a pele da pessoa, mais dificuldades ela enfrenta para ocupar espaços de destaque na sociedade. Como aponta Nascimento (2015, p.171):

Mediante experiências e percepções diferenciadas acerca da cor, tais sujeitos construíram uma noção racializada de beleza assinalada pela valorização da aparência mulata (visualmente branca), jovem, urbana, moderna, bem-sucedida. Todavia, antes de incorrer em simplificações, juízos de valor ou decepções alimentadas pela ilusão romântica de uma solidariedade intrarracial genética ou do que Bayard Rustin chamou de “noção sentimental da solidariedade negra”, é pertinente pensar que a prática do colorismo derivou-se de valores criados e reforçados pela supremacia branca.

Podemos perceber ao longo do romance que apesar da mãe aparentar estabelecer um diálogo mais compreensivo com Federico em comparação com o pai, os temas “identidade negra” e “racismo” não são desenvolvidos de maneira mais aprofundada no ambiente familiar do protagonista. Em determinados momentos das memórias exploradas na narrativa, percebemos que a mensagem passada pelos pais de Federico é de que as coisas são do jeito que são e não vale a pena perder tempo discutindo ou “lamentando” o fato da sociedade funcionar de maneira preconceituosa:

Tira essas minhocas da cabeça, filho, Não fica inseguro, Insegurança não combina contigo [...] Mas acho que a gente podia mais, Sou negro, mas não sei combater o racismo, Sei passar por ele, sei me afirmar, Sei que o meu irmão passa por ele, Mas não é passar por ele a questão, É acabar com ele, mãe, acabar com, esse negócio todo que tá muito errado, esse negócio é uma prisão, insisto. Filho, você só tem dezessete anos, Sei que nessa idade a gente acha que vai consertar o mundo, mas não é assim, ela adverte. Não quero me sentir negro porque aprendi a dizer que sou negro, Feito um papagaio, Quero entender de verdade, eu digo. Ela levanta da cadeira onde está. Filho, não lamente, não perde teu tempo se lamentando, ela diz. Entrego as folhas nas mãos dela, levanto, Vou pro meu quarto, digo. (SCOTT, 2019, p.113).

Esse diálogo acontece justamente após a experiência traumática que ocorreu quando Federico foi cumprir o alistamento militar. Durante o processo de apresentação no quartel, um sargento fica responsável por uma das “etapas” que os jovens devem passar para a seleção dos convocados:

Quero que façam um círculo ao meu redor, diz o sargento. Depois que o círculo se forma, ele volta a metralhar. Quero que os pretos deem um passo à frente, diz. Ninguém se mexe. Agora, ele grita. Onze caras fazem o que ele mandou. Fico parado no meu lugar. Ele sai de onde está, anda pelo círculo encarando cada um de nós. Tem mais preto aqui, dispara, [...] Outros três caras dão passo à frente. Eu continuo parado no meu lugar. Ele se aproxima do menor dos três. Tu não tem espelho em casa, conscrito, pergunta, Está com catarata nos olhos, conscrito, Tu é mais claro do que eu, seu bosta, Volta pro teu lugar, [...] Mas que vergonha, rapaz, Isso é tamanho de pinto que se apresente, e se aproxima encarando o rapaz, Quer desmoralizar tua raça, conscrito [...] Tu é bicha, conscrito, pergunta. Não senhor, sargento, é a resposta, [...] O rapaz se abaixa, pega a cueca, levanta, vem na nossa direção com lágrimas escorrendo pelo rosto. [...] Agora eu vou perguntar pra vocês, o sargento retoma, Por que o mundo é redondo, [...] O mundo é redondo pros negros não, e bate no ombro do quarto da esquerda pra direita, o mais gordo e alto dos doze. E, no mesmo segundo, o gordo alto se vira e aplica um soco certeiro na cara do sargento, que despenca. (SCOTT, 2019, p.129-130).

Após ser liberado, Federico que ao testemunhar talvez o mais repugnante e marcante episódio de racismo, permeado ainda com forte machismo e homofobia, entra numa espécie de transe, uma crise de pânico, e o que mais o marcou não foi exatamente a violência da situação em si, mas o choro do conscrito que desferiu o golpe contra o sargento, “o desespero de quem, tendo a mesma idade que eu, sabia que tinha estragado sua vida, estragando a própria vida por não se deixar humilhar, o choro que me jogou num buraco mental profundo” (SCOTT, 2019, p.131).

Como compreender o tipo de ódio que faz o sargento montar todo esse cenário de humilhação contra os jovens negros, provavelmente como forma de autoafirmação em sua própria masculinidade e, ainda com mais força talvez, pela sua pretensa branquitude² que, ironicamente, é desafiada, já que ele é descrito por outros jovens conscritos que acompanham a cena com termos racistas, utilizados geralmente para descrever pessoas com ascendência indígena:

Qual é a desse sargento louco, bicho, sussurra um dos que estão próximos a mim. O cara é um bugre encardido, Só porque tem cabelo liso de bugre tá tirando neguinho pra saco de pancada, diz outro num sussurro ainda mais baixo. (SCOTT, 2019, p.130).

Através dos ideais que permeiam o colorismo e a pigmentocracia podemos ter algumas pistas para entender que, num país tão desigual, parte do sucesso na perpetuação dos comportamentos racistas reside naqueles que mesmo não sendo brancos, atuam em prol dos ideais racistas, como nos aponta Frantz Fanon (2008, p.61): “O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se ódio”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise do livro **Marrom e Amarelo** (2019) de Paulo Scott, foi possível perceber a terrível manutenção do pensamento preconceituoso e escravocrata na sociedade. Através da narrativa ficcional, Scott constrói uma obra com teor tenso, tanto na sua forma, quanto no seu tema. Federico subverte o estereótipo do mulato trágico, presente principalmente nas produções literárias e cinematográficas, ao invés de almejar a um ideal de branqueamento inalcançável, o protagonista reconhece de maneira crítica o seu posicionamento numa sociedade marcada pelo racismo e pela pigmentocracia.

A obra de Scott proporciona uma reflexão não somente em relação às questões raciais, mas também acerca dos possíveis desdobramentos sociopolíticos e mentais que esse modo de funcionamento perverso exerce na vida de todos os brasileiros, como os confrontos físicos fomentados pelo racismo resultam em uma repetição exaustiva do ciclo de violência e ódio entre as forças institucionais do Estado e a população civil.

Se Adorno (2003) argumenta que no romance pré-flaubertiano temos a presença do narrador que direciona o leitor ao redor de um sentido moral, em **Marrom e Amarelo** não há lição de moral, nem mocinhos e vilões, Scott explora o

² Segundo Cardoso (2010, p.610), “a branquitude refere-se à identidade racial branca” e os estudos em torno desse tema reconhecem que essa identidade não é fixa, a sua construção é desenvolvida histórica e socialmente. O autor destaca duas manifestações da branquitude, uma crítica e outra acrítica, enquanto a primeira perspectiva desaprova o racismo, a segunda acredita na superioridade racial dos sujeitos brancos.

absurdo das relações sociais em um país fundado na extrema violência física e simbólica. Não temos uma romantização na figura do protagonista, mas uma espécie de desvelamento da vida de um homem traumatizado por ter uma profunda empatia com os sujeitos discriminados e que mesmo ao adotar a mesma identidade racial que esses sujeitos, nunca vai entender ou sentir totalmente a experiência da violência racial em seu cerne, não do mesmo modo que o seu irmão ou seu pai sente, com a adição ácida de compreender com o passar dos anos, que independente dos seus esforços, a mesma violência que atinge seus familiares vai continuar a se repetir exaustivamente, puxando uma infinidade de pessoas ao ciclo vicioso do ódio.

Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; 34 ed., p.55-63, 2003.

ANJOS, Gabriele dos. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. **Indicadores Econômicos FEE**, n.1, v.41, p.103-118, 2013. Disponível em: <<https://revistas.dee.spgg.rs.gov.br/index.php/indicadores/article/view/2934/3163>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. 12 ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Cardoso, Lourenço da Conceição. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud**, v. 8, p. 607-630, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FRANCISCO, Mônica da Silva. Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade. **Ensaio Filosóficos**, vol. XVIII, p.97-109, dez. 2018. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo18/07_FRANCISCO_Ensaio_Filosoficos_volume_XVIII.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

FRANCONI, Rodolfo A. Da representação à representatividade: quem legitima? Agenda problemática inicial. In: Luiz Roberto Velloso e Maria Eunice Moreira. **Questões de crítica e de historiografia literária**. Porto Alegre: Nova Prova, 2016.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. Trad. Celia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.

GINZBURG, Jaime. A guerra como problema para os estudos literários. Porto Alegre, **Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, n.52, v.27, s/p, 2012a. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33473/21346>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas: quaderni di letterature iberiche e iberoamericane 2** (2012), p.199-221. Milão: Facoltà di studi umanistici, 2012b.

MORAIS, Frederico. A tríade racial. In:_____. **O Brasil na visão do artista: o país e sua gente**. São Paulo: Prêmio Editorial, 2002, p.38-87.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**, Niterói: EDUFF, 2004.

MUNIZ, Fernando. **Platão contra a arte**. In: Haddock-Lobo, R. Os Filósofos e a Arte. RJ: Ed. Rocco, 2010, p. 15-42.

NASCIMENTO, Giovana Xavier da Conceição. Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação (EUA, 1900-1920). **Revista Brasileira de História, São Paulo**, v. 35, n. 69, p. 155-176, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882015000100155&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2021.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade cultural nacional**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PLATÃO. **A República**. 3. ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 2000.

REIS, Eneida de Almeida. **Mulato: negro-não negro e/ou branco-não branco**. São Paulo: Editora Altana, 2002.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso – Cadernos de estética aplicada**, n.2, p.1-12. mai-ago/2007. Disponível em: <<http://revistaviso.com.br/article/36>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Reginaldo Oliveira. Da epopeia burguesa ao fluxo de consciência: a escrita literária em tempos difíceis. **Revista Investigações**, n.1, v.22, p.11-35, 2009.

Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1360>>.
Acesso em: Acesso em: 27 fev. 2021.

SCOTT, Paulo. **Marrom e Amarelo**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.

Para citar este artigo

VAZES, S. B. de P. Mestiçagem e racismo à brasileira em Marrom e Amarelo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, 2021, p. 353-366.

A Autora

SIMONE BEATRIZ DE PAULA VAZES é graduada em Artes Visuais - Bacharelado com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestranda em Estudos de Linguagens (Literatura, Estudos Comparados e Interartes) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). PPGEL/UFMS. Bolsista Capes.